# Prevendo previsões - 09/09/2024

\_Procura mostrar que uma teoria da mente se baseia na capacidade de prever não  
somente nossas previsões, mas as dos outros seres inteligentes\_[i]  
  
Aprofundando um pouco mais a visão que Dennett tem da mente, Teixeira o  
conceitua como uma antiplatonista, no sentido de que não acredita na  
existência das ideias e entende a mente como uma interpretação do que ocorre  
em nosso cérebro, se manifestando pelo comportamento. Essa visão é fortemente  
influenciada pelo campo de estudo da inteligência artificial, oriunda de  
Turing e acenando para a possibilidade do processamento inteligente em  
máquinas.  
  
Destaquemos dois pontos que Teixeira nos traz: primeiro que o teste de Turing  
para atribuir estados mentais a máquinas se vale da indiscernibilidade do  
comportamento linguístico e, depois, que é um critério operacional, ou seja,  
não se debruça na natureza desses estados, mas no seu funcionamento, seja de  
um organismo ou dispositivo[ii]. Se tal enfoque é prato cheio para os  
behavioristas, Dennett não segue exatamente essa linha, mas captura os estados  
mentais como termos teóricos que permitem falar do comportamento. Citando  
Teixeira, à página 33:  
  
“Desta perspectiva, estados mentais como ‘intenções’, ‘crença’ e ‘desejos’ e  
todo o vocabulário mentalista habitual que forma a psicologia popular (\_folk\_  
\_psychology\_) podem permanecer em um limbo ontológico, ou seja, não precisamos  
atribuir-lhes realidade própria ou independente dos olhos de quem observa o  
comportamento”.  
  
Assim, a mente passa a ser somente uma construção teórica útil e distante de  
uma visão de realidade mental que é, a princípio, aceita por todos nós. Ora, o  
aparato conceitual que a psicologia usa para tratar da mente é transformado  
por Dennett em um sistema intencional usado para descrever algo dotado de uma  
mente. Ocorre que, para atribuir um sistema intencional a algo, é preciso  
observar o seu comportamento para ver se é inteligente. Então, interagimos com  
esse algo e tentamos predizer suas ações, se aparentam serem racionais ou se  
se adaptam a novas situações, se são flexíveis.  
  
Entretanto, dada nossa ignorância em não podermos afirmar se há um correlato  
no cérebro, nos utilizamos do sistema intencional. Por mais complexo que seja  
um dispositivo ou organismo, mais difícil explicar seu comportamento sem  
renunciar a intenções e desejos, qual seja, uma vida mental nos termos da  
psicologia popular. Psicologia essa que se vale dessa estratégia preditiva tão  
preponderante em nossos, humanos, que somos capazes crer, conhecer e assim por  
diante., a nós mesmos e aos outros.  
  
Há, fundamentalmente, um desenvolvimento de um modelo mental do outro, como em  
um jogo de xadrez, em que se tenta sempre prever e a previsão do outro. Nossa  
inteligência funciona antecipando experiências que ocorrerão e de que forma  
agiremos, conforme ressalta Teixeira, recobrindo uma inteligência maquiavélica  
que origina a psicologia popular que nos permite sobreviver.  
  
Teixeira também destaca que é necessário que ao menos outra mente para a  
postulação de um sistema intencional, assim como a linguagem requer dois  
falantes. Ele traz a teoria de neurônios espelhos que seriam ativados quando  
atribuímos estados mentais a outrem e, daí, o correlato neural para a teoria  
da mente[iii].  
  
Por fim para esse momento, Teixeira caracteriza o campo de estudo da  
inteligência maquiavélica e psicologia popular como habilitar da disciplina de  
inteligência artificial social, ciência deveras complexa para dar conta de  
robôs que interagem com humanos. Seus estudiosos esperam que, um dia, robôs  
participem da vida social e sociologia permitirá que simulações sejam feitas  
para verificar o comportamento desses agentes.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Iniciando capítulo I de \_A mente segundo Dennett\_ , de, João de Fernandes  
Teixeira. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.  
  
[ii] Teixeira levanta desafios ao teste de Turing como, por exemplo, uma  
limitação temporal, já que programas de computador tem que ser finitos e  
decidíveis.  
  
[iii] Tema que deve ser explorado oportunamente.